

Recensão: *Músicos Ocultos: Ao Quinteto Nacional de Sopro* (CD Editora Grafonola, 2022)

Bruno Madureira

HTC – CEF
NOVA FCSH

brunofcsh@gmail.com

O QUINTETO DE SOPRO DO VALE É UM AGRUPAMENTO de câmara composto por músicos oriundos da Banda Marcial do Vale (Santa Maria da Feira), cujo início de atividade remonta a 2019: Sara Silva (flauta), Andreia Pereira (oboé), Mariana Cardoso (clarinete), Cristiano Pinho (trompa) e Beatriz Cunha (fagote). Seis obras de seis compositores portugueses são o conteúdo do álbum *Músicos Ocultos: Ao Quinteto Nacional de Sopro*, um trabalho em torno da música escrita para esta formação de câmara. O título do disco constitui uma merecida homenagem àquele quinteto de incontornável valor para a música portuguesa no século XX.

A primeira peça do disco, *Pequena suite para quinteto de sopro* (1961), de Marcos Romão dos Reis Júnior (1917-2000), insere-se em pleno na linguagem estilística do compositor, nomeadamente, no que diz respeito ao recurso a técnicas imitativas, melodias fragmentadas, apontamentos rítmicos padronizados, utilização recorrente da forma tripartida, abundância de notas em *staccato*, apogiaturas ou mudanças irregulares de compasso. É composta por quatro andamentos com um relativo contraste entre eles (*Romance*, *Fugato*, *Berceuse* e *Rondó*), não obstante algumas semelhanças, incluindo o já referido recurso à imitação, na qual cada um dos músicos tem o mérito de executar cada tema de acordo com a linguagem do intérprete imediatamente anterior. O primeiro andamento é um *Andantino cantabile* formalmente tripartido, cujas primeira e terceira partes têm um carácter contemplativo e melódico, ideal para os intérpretes explorarem todas as suas aptidões expressivas e musicais, como, aliás, o fazem. Na parte central predominam momentos em *staccato*, bastante uniformes e coesos entre os intérpretes. O segundo andamento gira em torno de jogos de imitação de um tema que é sucessivamente reproduzido pelos cinco instrumentos, de forma uniforme e equilibrada. O terceiro andamento, o mais lento, tem um tema principal delicado e expressivo que é reproduzido pelo oboé

em vários momentos com comentários muito bem enquadrados da flauta e do clarinete. O fagote tem sobretudo um papel de suporte harmónico e a trompa é dispensada pelo compositor. O derradeiro andamento, é repartido entre momentos de carácter ritmado e articulado e outros melódicos e líricos, bem como entre secções «a1» e outras «a3», que os intérpretes realizam de modo notável e preciso. Nesta obra, denota-se um bom entrosamento entre os instrumentos, salvo raras exceções, como na nota final do primeiro andamento. Sem pretender, naturalmente, colidir com a liberdade expressiva dos intérpretes, faltou um pouco mais de rigor no respeitante às indicações metronómicas contidas na partitura. Os três primeiros andamentos (os únicos com aquela indicação) estão claramente mais lentos do que o pretendido pelo compositor. Tal é mais flagrante no terceiro andamento, o mais lento. O *staccato* dos intérpretes está muito bem conseguido, o que atesta o seu conhecimento da linguagem estilística peculiar de Marcos Romão e não descuram, por exemplo, a correta articulação das notas. Embora a partitura solicite o clarinete em lá, a intérprete optou pelo modelo em si bemol.

A segunda obra intitula-se *Scherzo para quinteto de instrumentos de sopro* e o seu autor é Ângelo Pestana (1919-2002). Esta peça, com subtilezas alusões ao *Capricho n.º 24* de Paganini, tem um único andamento e possui uma estrutura tripartida (ABA), o que lhe proporciona um bom sentido de unidade. A flauta, o oboé e o clarinete têm grande parte do protagonismo melódico nas secções extremas da peça e os respetivos instrumentistas conseguem extrair uma belíssima sonoridade do instrumento. A perfeita fusão do tema enérgico e marcado destes três instrumentos com um contratema lírico exposto pela trompa constitui um desafio que os intérpretes conseguem ultrapassar com aparente facilidade. As dinâmicas estão muito bem conseguidas pelos intérpretes, os quais, na secção central, a mais lenta, conseguem transmitir uma agradável atmosfera que remete para a da música de embalar.

A terceira obra do disco é o *Quinteto de sopro* de Filipe de Sousa (1927-2006). Esta peça foi escrita em 1957, mas estreada somente em 1973, precisamente pelo grupo a quem foi dedicada: o Quinteto Nacional de Sopro. Com uma estrutura tripartida e bastante tradicional – *Allegro*, *Adágio* e *Tempo de Marcha* – estilisticamente é a mais moderna e distante das restantes obras, nitidamente escritas numa linguagem mais tradicional e neoclássica. Embora com passagens em estilo imitativo, é uma obra sobretudo homofónica. Os intérpretes conseguem fazer sobressair as melodias, dando-lhes uma boa projeção sonora, sem que isso os impeça de exprimir uma certa melancolia, em particular no andamento central. Além disso, as notas da harmonia são ouvidas com total clareza. A interpretação desta obra em particular, a mais exigente em vários aspetos, é muito equilibrada em todos os registos e executada com grande perceção e rigor nas acentuações, dinâmicas, fraseado e alterações de andamento, portanto, todas as previsíveis dificuldades são astutamente superadas pelos intérpretes.

Lembrança – Scherzo para quinteto de sopro, de Adácio Pestana (1925-2004), é a única obra do disco que se encontra editada¹ e está estruturada num único andamento. Tem a tradicional forma tripartida, acrescida de uma pequena introdução e uma coda, em acelerado, que modula para modo maior. A melodia circula entre os vários instrumentos e denota-se uma interessante simbiose entre os músicos, incluindo nos acelerandos e em partes com uma escrita mais polifónica. Embora todos com uma técnica muito apurada, os intérpretes privilegiam aqui (e não só, na verdade) a expressão musical em detrimento da exibição de habilidades técnicas. Uma nota para o trompista que, responsável por uma espécie de contratema, extrai uma belíssima sonoridade do instrumento e clareza na execução.

José dos Santos Pinto (1915-2014) é o autor da quinta obra deste disco, *Quinteto para instrumentos de sopro*, uma peça estruturada em quatro andamentos de certa forma ecléticos: *Allegro com spirito*, *Andante*, *Fuga (Allegro)* e *Presto*. É notável o modo como os intérpretes conseguem fazer sobressair as melodias principais no meio de acompanhamentos, por vezes densos e destacados, dando-lhes, sempre que necessário, uma projeção sonora brilhante. De qualquer forma, o primeiro andamento teria a ganhar se fosse ligeiramente mais célere – fazendo jus ao *Allegro com spirito* –, o que daria ao tema principal um carácter mais arrebatado e cintilante. Merecedor de destaque é o grande rigor rítmico demonstrado pelos músicos, sobretudo no segundo andamento (dificultado pela sobreposição de linhas melódicas), bem como a nitidez do fraseado e as linhas do *legato*.

Finalmente, *Scherzo para quinteto de sopro* é uma obra de Carlos Saraiva (1910-2001) e está escrita num único andamento na forma ABA, com a particularidade de a secção central, a mais lenta, ser bastante mais extensa que as extremas. Os intérpretes conseguem exprimir, por um lado, o carácter brincalhão e divertido próprio de um *scherzo*, presente nas secções extremas da obra, por outro, a nostalgia, lirismo e emoções exacerbadas da secção intermédia, na qual são muito bem explorados os recursos tímbricos dos instrumentos. Realce-se a articulação clara, o rigor rítmico e a coesão entre o *tutti*, sobretudo na primeira e terceira secções, bem como o vigor dos ataques secos e precisos, os quais conferem a essas secções um certo colorido e uma sensação de agilidade. Por fim, é de salientar a aparente facilidade com que os intérpretes ultrapassam o desafio de fazer sobressair a condução das melodias principais sem descuidar os acompanhamentos cruciais para o suporte harmónico.

De um modo global, a interpretação dos músicos é de boa qualidade e nota-se um claro compromisso com o rigor na execução de cada uma das obras, nomeadamente, no respeitante ao cumprimento de detalhes anotados pelos compositores nas partituras (como sejam as indicações de «cedendo», «a tempo», «poco meno», entre outros, além das referentes às dinâmicas), portanto, eles não dão azo a demasiada expressividade ou individualidade na interpretação, não obstante o já

O autor segue o *Acordo da Língua Portuguesa* de 1990.

¹ Pela Pereira Publishing <<https://www.pereirapublishing.com/catalogos>> (acedido em 10 de março de 2024).

referido acerca do andamento da obra de Marcos Romão. A perfeita noção de cada músico em saber quando estar ou não em evidência sonora contribui para o bom equilíbrio entre os instrumentos. Por conseguinte, cada um deles é perfeitamente perceptível e aqueles com maior potencialidade sonora, como a trompa, não encobrem a sonoridade dos instrumentos mais delicados. Da mesma forma, as dinâmicas estão muito bem conseguidas, o que contribui também para a clareza das frases solísticas. Os músicos conseguem diferenciar claramente a importância de acentuações mais delicadas, ao mesmo tempo que conseguem ataques e articulações bem precisas, nomeadamente em várias secções da obra de Marcos Romão, o que proporciona uma boa sensação de agilidade. As notas da harmonia são ouvidas com clareza, coesão e equilíbrio, como é verificável no andamento central da obra de Filipe de Sousa ou na peça de Ângelo Pestana. Do ponto de vista rítmico, as interpretações são fidedignas, particularmente, nas obras ou partes ritmicamente mais elaboradas, como é o caso da peça de Santos Pinto. Uma nota para o fraseado notável, bem como para o grande rigor da afinação.

Atendendo às escassas gravações disponíveis e às raras apresentações em concerto, a música portuguesa para pequenos agrupamentos de sopro não tem merecido uma grande atenção por parte dos intérpretes. Portanto, a gravação inédita destas seis obras constitui um contributo de importância acrescida para a recuperação, preservação e divulgação da música portuguesa para quinteto de sopro. A sua divulgação pode, igualmente, ser um estímulo à criação de música para esta formação camerística por compositores portugueses, além de possibilitar ao ouvinte a sua fruição e cativá-lo por toda a sua indiscutível qualidade e riqueza artística. Relativamente ao processo de gravação, a cargo da Grafonola Publishing Company, consideramo-lo de boa qualidade. O folheto que acompanha o disco, cuja investigação musicológica é de Ana Margarida Cardoso, constitui um acrescento de valor pois proporciona informação importante sobre os compositores, obras, o grupo que gravou o disco e o Quinteto de Sopro Nacional. De qualquer forma, seria pertinente e de grande utilidade para uma melhor contextualização das obras, uma referência ao seu ano de composição (ou, pelo menos, a década), algo que é feito somente na peça de Filipe de Sousa. Terminamos com a recomendação da comercialização da versão desmaterializada deste disco em plataformas de *streaming*, a melhor forma de chegar a um público alargado pois os leitores de discos já começam a rarear.

Bruno Madureira é licenciado em Ciências Musicais e mestre em Ensino de Educação Musical pela NOVA FCSH. Fez o doutoramento em Estudos Artísticos na FLUC (Distinção e Louvor por Unanimidade). É membro da Banda da Força Aérea e investigador no HTC-CEF. Apresentou conferências em Portugal, Espanha, Polónia e Brasil. É autor de quatro livros, três capítulos, um prefácio e de artigos publicados no Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha e Portugal. Na NOVA FCSH coorientou uma dissertação de mestrado em Património e coorienta uma tese de doutoramento em História. Tem sido arguente em provas de Mestrado e de Doutoramento nas Universidades de Coimbra e Aveiro. Possui uma Pós-Graduação em Direito (FDUL / IDN). ORCID  <https://orcid.org/0000-0001-8385-4447>.